

A VOZ de MELGAÇO

QUINZENÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA

Chefe da Redacção e Editor: CARLOS ANTÓNIO VAZ

Administração: Apartado, 23 — BRAGA

Director e Administrador: JÚLIO HILÁRIO VAZ

AVENÇA — Custo da Assinatura Anual: 40\$00 — Estrangeiro 80\$00 ★ ANO XXV — N.º 484 — Melgaço, 1 de Novembro de 1971 ★ Tip. Augusto Costa & C.ª, L.ªa - Tolel. 22455 - Braga

Não se pode programar turismo ao longo do Rio Minho

sem considerar a estância do Peso como elemento n.º 1

Lemos na imprensa que o Senhor Governador Civil reuniu com os presidentes das câmaras dos concelhos ribeirinhos do Minho a fim de estudarem em conjunto as potencialidades turísticas dessa zona lindíssima.

Na entrevista, em que se referiu ao problema, não foi posta nem, portanto, considerada a estância do Peso como problema n.º 1 de toda a margem ribeirinha.

Nem se trata de hipérbole, em face dos motivos, que vamos expor.

Antes de mais nada, o Peso é estância termal, única no género, à espera de ser analisada a frio em toda a problemática local: hidrológica, paisagística, turística, culinária, etc., etc.

Força é, em primeiro lugar, fazer a devida propaganda de umas águas que não têm rival no mundo ou, pelo menos, cá pelo ocidente. Neste aspecto, têm sido vítimas da miopia de quem deveria considerar o caso como seu. Claro está que devem ser os médicos os primeiros a recomendá-los como básicas para a cura de diabetes, pois nenhum sucedâneo ainda conseguiu substituí-los.

Depois, os que delas tiram o principal lucro. Juntamente com eles, todos nós, os de Melgaço, que, sendo de cá, temos especiais obrigações para com o que é nosso.

Em publicidade, vamos ainda na Pedra Lascada. Considerámo-la como os aldrabões de feira e renunciámos às astronómicas potencialidades que ela pode trazer-nos.

Esteve este verão, no Gerez, o Presidente da Câmara Municipal da cidade de Hamburgo, Alemanha.

Quem o soube? Nenhum jornalista o descobriu, nem a estância, nem os hoteleiros acicataram a curiosidade e o interesse em de-redor dessa figura de topo na vida política do seu país, que viera até nós para desfrutar a cura de águas.

Vir tão longe, porquê? Apenas porque as águas são especiais no género.

Algo de semelhante se verifica com o Peso. Força é confiá-las a uma publicidade séria, constante, por toda a Europa.

A par de ser estância especial, o Peso é um lugar privilegiado pela natureza. Os aquistas podem deslocar-se, durante a cura de águas, a cidades galegas vizinhas do maior interesse turístico: Compostela, Orense, Vigo, Pontevedra. Tudo isso fica a dois passos. Em redor delas, todo um mundo de história, folclore, poesia, literatura, arte, beleza.

Em Portugal, há a Peneda, Castro Laboreiro, Fiães, vistas de sonho, recantos paradisíacos. Todo o Minho se lhes oferece com a sua cornucópia dádiosa de maravilhas não sonhadas: Braga, Gerez, Viana, Ponte de Lima, tudo.

Pois esta bela estância... vegeta... Arrasta uma existência precária e frágil: meia dúzia de aquistas que a procuram, aqui estagnam abúlicos e parados, a olhar uns para os outros, porque nada acontece.

Problema de base na estância: hotéis, piscina, ponte para Arbo.

A hotelaria, hoje em dia, é uma indústria rendosa ao máximo. Quando pode explorar o turismo e as termas, então a

(Continua na 4.ª página)

O Santo da Quinzena

S. Gregório

(o Taumaturgo)

Pela
Irmã Maria dos Anjos

S. Gregório, Bispo de Neocesareia, no Porto, era filho de pais ricos, mas pagãos. O cognome de «Taumaturgo» veio-lhe do grande número de milagres que em vida operou. Gregório possuía uma natural inclinação para a caridade, e uma sede insaciável de ciência. Este desejo irreprimível levou-o a Cesareia e à Alexandria, onde se dedicou ao estudo das artes liberais.

Sua vida particular era pura e um ódio particular votava Gregório ao vício tão comum entre os pagãos — a impureza. Alguns dos companheiros, que disto se desgostavam, combi-

(Continua na 4.ª página)

Por Santa Rita



VISITAS — Estiveram aqui, há dias, três sr.ªs funcionárias do Instituto de Assistência à Família, de Viana do Castelo, que visitaram a nossa Casa, pela qual se interessaram muito e prometeram-nos dar umas cadeiras para descanso dos nossos protegidos, a serem colocadas nos miradoiros das duas salas. Muito nos alegra esta oferta, pois tudo aqui se faz com muito sacrifício e esta boa vontade alivia-nos muito.

CADEIRAS — Também já aqui chegaram as três cadeiras para o altar-mor, obra de mestre Barrenhas e que ali ficam muito bem. Custaram 1 650\$00.

A GAVIEIRINHA — Está-nos prometida para hoje, 25, a famosa gavieirinha. E já não vem sem tempo. Está tudo preparado: o monte, é o que ela vai mais percorrer, a corte, uma distribuição modesta diária de forragem (vai ser um problema...) e sobretudo, o grande carinho. E terão, assim, os nossos irmãos, querendo Deus, um leitinho para as suas refeições. Nem se poderá dizer depois que foi adulterado. Não virá das fontes, para a cozinha. Mas a tia Zira, a ceguinha, mal se conforma e quer ir vender por aí algum leite, para acudir às despesas da Casa. Esta tia Zira é formidável, em interesse pela Casa.

O pior vai ser pagá-la, que isto de dinheiro por aqui continua a ser caso sério: — licença para acabamento da Casa, cerca de 12 000\$00, aos srs. Técnicos de Braga, pelas plantas, 4 600\$, as três cadeiras, 1 650\$00, e agora a gavieirinha, por aí uns 5 000\$00... E o resto? Mas isto vai. Vai com o auxílio de Santa Rita e dos amigos da querida Padroeira.

DONATIVOS — Tem vindo alguns. E, assim, de um anónimo, 20\$00; António Ismael Táboa, Bilhões, 500\$00; Maria José Afonso, Parada do Monte, 50\$00; Rosa Pereira, Parada, 10\$00; D. Isaurinha, Loja Nova, mais 50\$00; Rosa Pereira, Rasa, 20\$00; Manuel Domingues, Cela, 100\$00; Anónimo, vila, 20\$00; Anónimo, de Badim, uma fieirinha de ouro e 100\$00; D. Maria Gisela

(Continua na 4.ª página)

Cerca de seis mil contos para electrificação

Não, leitor amigo, não é em Melgaço. Se fosse cá, estava o caso resolvido.

É nos Arcos de Valdevez: duma assentada, 5.780.000\$ para electrificação e nada menos que dez freguesias contempladas, imediatamente.

Há um mês que apelamos para o Senhor Governador Civil em ordem a desencantar a electrificação das freguesias de Melgaço, que dela estão à espera há cinco anos!

Metade do concelho, em número de freguesias, mas, tratando-se das maiores, é a maior parte do concelho, estão por electrificar. Ficaram paradas a olhar para a electricidade que não chega.

Acenou-se num sector muito restrito com a negação de que, substituindo o então Presidente da Câmara Municipal, Sr. Prof. Manuel Rodrigues, electricidade, estradas, o progresso, seriam uma realidade muito em breve...

Afinal, nada de nada!

Por isso mesmo continua o nosso apelo ao Senhor Governador Civil:

— Porque estão sem electrificar estas freguesias?

E recordamos também as outras, até para moralidade pública. Se o actual Presidente da Câmara tem obras sem planta e sem licenciamento, porque se permite este escândalo?

Quem o protege? Quem o encobre? Se é verdade, façam-no cumprir como toda a gente. Se é mentira, chamem este jornal à responsabilidade.

Agora publicar-se o reparo meses a fio, apelar-se para a autoridade e nada!

Não nos parece esse a melhor forma de instalar em Melgaço a seriedade na administração pública nem deste modo é possível conseguir que se acredite em quem os dirige.

Misericórdias Portuguesas

REQUIEM?

Do «Novidades» de 12-10-971

«Aí estão as nossas Misericórdias, com os seus quase 5 séculos de existência, humilde e resignadamente dobradas aos ventos que sopram hoje no meu País, à espera do derrube. Que são e que foram?»

Com a fundação da Misericórdia de Lisboa, em 1498, começa a história pujante das Misericórdias Portuguesas. Logo em 1499 nascem as de Évora e do Porto, em 1500 a de Coimbra. Como que com rastilho, fundam-se as outras Misericórdias, uma atrás das outras, nas cidades e nas vilas, nos mais obscuros concelhos, até que o País fica coberto de Norte a Sul, e para Além-Mar, com esta admirável rede de Assistência de que ainda vemos os nomes, os edifícios, os hospitais, e... o admirável

serviço prestado aos homens, por amor de Deus. São hoje cerca de 350, as Misericórdias Portuguesas!!!

Mas que eram então as Misericórdias? Associações humanitárias, espécie de clubes «rodados» ou «triangulados», cheios de elegância e discursos?

Instituições de Estado criadas para a assistência aos cidadãos, com duas penas e uma lei?

Muito menos e, espantosamente, muito mais que tudo isso. Se o fossem, não teriam as Misericórdias corrido vertiginosamente o País de lés-a-lés, nem servido os pobres durante quinhentos anos!

As Misericórdias (e ainda o são), «associações religiosas de pessoas seculares, bons fiéis cristãos, sob a invocação de

(Continua na 4.ª página)

Várias Notícias da Vila

Maria da Conceição Lourenço — Em companhia de seus pais, sr. Manuel Lourenço, agente da P. S. P., e de sua esposa sr.ª D. Irene Afonso, retirou para o Porto a menina Maria da Conceição Lourenço, de Cavaleiros, que fez o curso de Pintura na Escola de Belas Artes e agora frequenta a Faculdade Ciências da mesma cidade.

Já um dia esta menina foi cumprimentada por Suas Ex.ªs os Srs. Chefe do Estado e Ministro das Obras Públicas, Engenheiro Arantes e Oliveira, pelo brilho da sua carreira escolar.

Felicitemos a inteligente menina e seus queridos pais.

D. Beatriz da Silva Ferreira — Sabemos que já se encontra felizmente melhor a estremosa esposa do nosso bom amigo, sr. Manuel Lira Ferreira, que no seu regresso a Lisboa teve um grave acidente de Viação. Folgamos com as melhoras e fazemos ardentes votos por que a ilustre Senhora volte logo ao convívio da sua família.

Alfredo Cândido de Azevedo Barroso — Acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Carmen de Azevedo Barroso e filha, Dr.ª Margarida de Azevedo Barroso, esteve a passar férias em casa de seu tio, sr. Abel Gonçalves, do lugar da Jugaria, freguesia de Fiães, o nosso amigo e conterrâneo sr. Alfredo Cândido de Azevedo Barroso, digmo chefe de vendas dos «Cafés Gama», da cidade do Porto.

A todos, os nossos cumprimentos.

Circo Brasil — No Cine Pelicano, desta Vila, realizou-se no passado dia 14, um espectáculo pela Companhia do «Circo Brasil», que apresentava vários artistas de fama internacional e a parilha de palhaços parodistas e musicais «Zéquinha e Isac», que agradaram ao simpático público.

Parabéns ao seu proprietário sr. Joaquim Alves.

José Alberto Dias de Carvalho — Após ter gozado a sua merecida licença, partiu por via aérea para a nossa província ultramarina da Guiné, o nosso conterrâneo sr. José Alberto Dias de Carvalho, 1.º cabo do Exército, que ali se encontra em missão de soberania.

Desejamos que tivesse feito boa viagem e feliz regresso.

Victorino Alberto Afonso — De visita, tivemos o prazer de ver entre nós, o nosso estimado assinante e conterrâneo

sr. Victorino Alberto Afonso, funcionário da Alfândega do Porto.

Os nossos cumprimentos.

Miguel de Jesus Marques — Acompanhado de sua esposa sr.ª D. Maria Nogueira de Freitas Marques e filha, tivemos o prazer de ver entre nós o nosso conterrâneo e estimado assinante sr. Miguel de Jesus Marques, proprietário do Restaurante Snak-Bar «Marques», em Matosinhos.

Os nossos cumprimentos.

Manuel Paulo Martins — Após ter passado uma temporada junto de sua família, no lugar de Sante, freguesia de Paderna, partiu por via aérea para a cidade do Rio de Janeiro (Brasil), o nosso amigo conterrâneo e estimado assinante sr. Manuel Paulo Martins, conceituado comerciante, industrial e grande benemérito das obras de Santa Rita e dos pobres da sua freguesia.

Desejamos ao nosso bom amigo boa viagem e que breve volte até junto de nós com saúde.

D. Teresa de Jesus Alves Lopes — Vinda do Rio de Janeiro, encontra-se no lugar do Cortinhal, freguesia de Chaviães, de visita à sua família, a sr.ª D. Teresa de Jesus Alves Lopes, esposa do nosso estimado assinante sr. Victorino José Lopes, conceituado comerciante e industrial naquela cidade.

Os nossos cumprimentos.

José Filipe da Silva — Em gozo de licença, tivemos o prazer de ver entre nós o nosso amigo sr. José Filipe da Silva, digmo chefe de brigada da Direcção-Geral de Segurança, na nossa província ultramarina de Moçambique.

Ao nosso amigo, que durante alguns anos chefiou o Posto fronteiriço do Peso, apresentamos os nossos cumprimentos.

Para França — Partiu há dias para França o nosso conterrâneo e estimado assinante sr. Luís da Silva, que esteve de visita a sua família durante uma temporada.

Boa viagem e felicidades.

Herculano Lima da Silva — Tivemos o prazer de ver nesta Vila, o nosso amigo e estimado assinante sr. Hercu-

Mês das Almas

O mês de Novembro é consagrado às Almas do Purgatório, devoção tão querida dos Melgacenses.

lano Lima da Silva, digmo Solicitador em Vila Verde.

Ao nosso amigo, que nesta Vila já exerceu iguais funções e que era estimado por todos, apresentamos os nossos cumprimentos.

Para o Ultramar — Em missão de soberania, partiu há dias para a nossa província ultramarina de Angola, o nosso conterrâneo sr. João Epifânio Fernandes de Sousa.

Desejamos-lhe boa viagem e feliz regresso.

Sociedade

Aniversários

Fazem anos — Amanhã: D. Isaura Augusta Marinho Pereira, José Lourenço Gomes de Sousa, Oceano Atlântico Ribeiro e Luis Filipe Gonçalves; Dia 4: José Henrique Pinheiro Calheiros; Dia 6: Maria Ester Ribeiro; Dia 9: Raúl Ferreira Cardoso e Maria Luísa Domingues Soares; Dia 11: António Nelson Rodrigues; Dia 13: Armando Urbano de Araújo; Dia 15: D. Olimpia Adelaide de Sousa Lobato Pereira e a menina Denize Monteiro da Silva.

BODAS DE OURO

No passado dia 9, esteve em festa o lar do nosso amigo e estimado assinante, sr. Manuel Luis Pires, proprietário dos «Táxis Pires», desta vila, e sua esposa, sr.ª D. Carlinda Ferreira Passos Pires, pela passagem do Quinquagésimo ano de casados.

Em casa deste simpático casal, realizou-se um lauto e bem requintado jantar a inúmeros convidados e familiares.

Ao sr. Pires e a sua esposa, desejamos a continuação da sua felicidade, em companhia de seus filhos e restante família.

Os nossos parabéns.

F. R.

Delivrance

Na Maternidade do Hospital Particular da cidade de Lisboa, teve há dias a sua feliz delivrance, dando à luz um menino, a sr.ª Doutora D. Delfina Floxo Contente de Sousa, esposa do nosso conterrâneo, sr. Capitão Augusto Manuel Contente de Sousa.

Parabéns aos seus pais e aos seus avós paternos, sr. Manuel Contente de Sousa, nosso estimado assinante e sr.ª D. Maria Ribeiro Lima Contente de Sousa, e ao neófito desejamos muitas felicidades.

MANUEL ANTÓNIO
RIBEIRO
SOLICITADOR



Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

BANCO FERNANDES MAGALHÃES



PORTO

LISBOA

SÍMBOLO DE SEGURANÇA E DE BONS SERVIÇOS HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO

CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E ESTRANGEIRO, destacadamente:

Em MELGAÇO — Casa José Maria Pereira
Em FRANÇA — Banque Nationale de Paris
Na ALEMANHA — Deutsche Bank

A sua vasta rede de instalações próprias e Correspondentes no País e Estrangeiro, aliada a uma prudente e longa actividade bancária permite-lhe executar eficientemente qualquer transferência de dinheiro com um mínimo de encargos.

Loja dos
Pereiras

TEL. 42311

MELGAÇO

TORREFAÇÃO E MOAGEM DE CAFÉ

A CASA DO BOM CAFÉ

MERCEARIA FINA
FAZENDAS
CORRESPONDENTE BANCÁRIO

Um homem, perdeu a vida,

num brutal, acidente de viação

Pelas 11 horas e 50 minutos do dia 20 p. p., quando o automóvel «Datsum», de matrícula EB-72-98, conduzido pelo seu proprietário, sr. Mirandolino de Sousa e Castro, de 56 anos, natural da freguesia de Penso, comerciante e proprietário em Lisboa, circulava na estrada Nacional 301, com destino a esta vila, no local denominado, curva dos Raposos, em Prado, embateu violentamente contra um autocarro da carreira Melgaço-Monção, pertencente à Empresa Auto-Viação Melgaço, Lda, de matrícula MT-35-59, conduzido pelo motorista, sr. Manuel Fernandes Ferreira.

Em consequência deste brutal acidente, perdeu a vida o proprietário do veículo inferior, que naquele momento, foi transportado ao Hospital da Misericórdia, onde o médico de serviço, sr. Dr. António Cândido Esteves, Director Clínico daquele estabelecimento hospitalar, apenas verificou o óbito, após ali ter dado entrada.

O extinto, pessoa de muita estima e consideração, pelos seus dotes de carácter, bondade e chefe de família exemplar, deixa viúva, a sr.ª D. Maria Luísa Vaz de Sousa e Castro e dois filhos, Domingos José de Sousa e Castro, aluno do 6.º ano de Liceu e Maria Miquelina de Sousa e Castro, aluna do 5.º ano de Liceu, ambos a estudar em Lisboa e cunhado

Falecimento

No Hospital de S. João, da cidade do Porto, faleceu no passado dia 9, vítima de derrame cerebral, o nosso conterrâneo, sr. Laurentino António Fernandes, carpinteiro, de 30 anos de idade, pessoa muito considerada, pelas suas qualidades de trabalho e chefe de família exemplar.

Era casado com a sr.ª Maria de Fátima Gonçalves Fernandes, irmão do sr. Artur Fernandes, industrial desta vila, das senhoras, Maria Fernandes, Marieta Fernandes de Oliveira, cunhado do sr. José António de Oliveira e da sr.ª Eduarda de Jesus Dantas Fernandes.

O seu corpo, foi trasladado no Auto-Fúnebre dos Bombeiros Voluntários de Melgaço, para a freguesia de Prado, terra de sua esposa, onde se realizou o funeral, com grande acompanhamento.

«A Voz de Melgaço», sensibilizada, apresenta a toda a família em luto, o seu cartão das mais sentidas condolências.

do nosso correspondente e colaborador da freguesia de Penso, sr. Norberto José Vaz.

«A Voz de Melgaço», apresenta a toda a família em luto, o seu cartão das mais sentidas condolências.

Depois de cumpridas as formalidades legais, o corpo do extinto, ficou sepultado no cemitério de Penso.

A G. N. R. do posto desta vila, tomou conta da triste ocorrência.

A. P.

TOTOBOLA

Não se esqueça de entregar as suas matrizes com a devida antecedência, através do Agente 18/031

Miguel Henrique Gonçalves Pereira

Rua da Calçada

Telef. 42212

MELGAÇO

Melgaço progride!...

Foi em 22 de Setembro que se seguiu uma excursão que o Grémio da Lavoura, a exemplo dos anos anteriores, organizou para os nossos lavradores verem mais de perto o progresso da agricultura que há anos o Governo patrocina. Acompanhou-nos em todas as visitas um representante do Grémio e um funcionário superior da Estação Agrária de Braga, que com o máximo prazer e atenção nos orientou.

Principiamos na Quinta da Brejoeira, em Monção, e lá vimos animais para abastecimento de carnes, como bovinos, suínos e aves diversas; plantações por processos modernos, de forma a serem substituídos pela máquina os trabalhos manuais no meio rural, passando a não ser necessário animais para serem empregados em laboração agrícola. A máquina, como se depreendeu da útil visita, substituiu tudo na quantidade, passando a ser feito por duas pessoas o que outrora era feito por dezenas.

Dali seguimos para Ponte de Lima. Aqui foi explicada a vantagem do emparcelamento para se obterem maiores rendimentos.

Partimos com destino a Braga. Ali chegados, visitamos animais, máquinas modernas, pomares em desenvolvimento, jardins, vias de comunicação, urbanização e outros melhoramentos, o que muito nos agradou.

Estão de parabéns todos aqueles que têm concorrido para que este nosso tão lindo concelho, onde começa a Nação Portuguesa e se encontra à direita, venha a colocar-se no grau que lhe compete e merece.

Nas dezoito freguesias que compõem o concelho, vêem-se moderníssimas vivendas, rodeadas de lindos pomares e jardins. Não há uma freguesia que não tenha dezenas de vivendas, construídas de novo, e as restantes reconstruídas por processos mais modernos, que dão um aspecto digno de apreciar!...

Quem viu Melgaço há 40 anos e quem o vê hoje!... Todos aqueles que se encontram ausentes da terra há mais de 20 anos venham observar e admirar hoje este nosso tão belo e sublime torrão natal!... Basta seguir-se até S. Gregório e Castro Laboreiro, olhando através o horizonte todas as freguesias que ficam situadas nos quatro ventos!...

Os nossos emigrantes são dignos dos maiores elogios! Querem equiparar, a terra que os viu nascer, àquelas que têm percorrido e admirado.

Sobre progresso da agricultura, também alguma coisa se tem feito. Já existem pomares a dar importantes rendimentos. Alguns há, em que a sua fruta foi vendida, estes anos, por dezenas de contos. Já temos 5 plantados, e um, com cerca de mil árvores.

Sobre vinha, já tudo selecciona as castas para assim os afamados vinhos verdes, brancos e tintos, darem nome à sua terra.

Sobre Serviços Florestais, nota-se os pinhais, dispostos em anfiteatro, em amplo progresso. É necessário proceder à sua monda, para que se possa criar animais de todas as espécies, como se criavam antes dos tais serviços deitarem mão à obra.

Gomes de Sousa
Corresp. de Prado

De Prado

Henrique José de Sousa Calheiros — Acabamos de ter conhecimento de que em 15 de Setembro do ano corrente, seguiu para a vila de Mocuba, província de Moçambique, Henrique José de Sousa Calheiros, estudante liceal, filho do sr. José Henrique Pinheiro Calheiros, escrivão de direito nesta Comarca e nosso assinante e de D. Felicidade Augusta Gomes de Sousa Calheiros. Foi juntar-se a seu tio sr. Virgílio Gomes de Sousa e a sua avó materna que naquela vila reside junto de seus filhos e netos, por motivo do falecimento de seu marido. Foi ele que, com a idade de 16 anos, se alistou como voluntário em 1914, para defender aquilo que nos pertence na Província de Moçambique, tendo ido para a mesma num batalhão expedicionário. Terminada a Grande Guerra em 1918, regressou à Metrópole. Mais tarde, voltou de novo para aquela Província, onde se colocou como serralleiro.

É com o máximo prazer que, vemos agora, esse seu neto seguir o nobre exemplo daquele seu avô!...

Presentemente foi colocado num emprego de destaque e ainda lhe é facultativo a continuação dos seus estudos.

Fazemos votos para que aquela situação seja coroada dos melhores êxitos para seu bem e de todos os seus familiares, em especial para aqueles que lhe deram o ser, incluindo toda a família de Prado que lhe envia grandes abraços de parabéns. — M. S.

De Rouças

Outubro, 25

Partida — Partiu para Madrid, a frequentar a Faculdade de Direito Eclesiástico, o Sr. Padre Júlio Nepomuceno Vaz. Como fica relativamente perto, aqui virá passar as suas férias. Que seja muito feliz.

Professora — A Sra. Professora, menina Maria do Rosário Esteves, dos Carvalhos, foi colocada em Valadares, aonde vai todos os dias leccionar. Todos gostamos que ficasse aqui perto, pois a Sra. Professora é aqui estimada por todos.

Casamento — Está para breve outro casamento (eles vem aí agora... mas Deus os mande repartidinhos, que se não, não se dá feito). Não dizemos já quem são os príncipes, mas pouco falta...

Baptizados — No dia 17, o do menino *Manuel Amaro*, da Igreja, filho sr. José Domingues e de sua esposa, sr.^a Aurea Gonçalves. Foram padrinhos os Avós maternos. Então, o sr. Armando, da Costinha, viveu um grande dia de alegria.

— No dia 24, o de *Paulo Carlos*, da Cela, filho do sr. Manuel Domingues e de sua esposa sr.^a Piedade Rodrigues. Foram padrinhos os nossos amigos sr. Manuel José Cardoso, digno guarda-florestal e sua esposa sr.^a Teresa da Pombeira.

Aos novos filhos de Deus, muitas felicidades pela vida fora e aos pais e padrinhos muitos parabéns.

O tempo — O tempo está magnífico e a gente trabalha, trabalha. Para a Vila, tem ido levadas de raparigas e mulheres, a ajudar nas vindimas. Por aqui está isto a começar a ferver... — C.

De Chaviães

Eleições para a Junta de Freguesia — Conforme constava nos respectivos editais, teve lugar no passado dia 17 de Outubro, no edifício da Escola Primária, a eleição para os novos membros da Junta de Freguesia. Como era de esperar tudo decorreu dentro da melhor ordem e respeito durante o acto eleitoral.

Assim, foram eleitos para prosseguirem os designios desta freguesia, os seguintes senhores:

Efectivos — Alcindo José Alves, José António Pinto e Manuel Cerqueira da Rua.

Suplentes — José Augusto de Araújo, José Joaquim Alves e José Augusto Seixo.

As nossas felicitações e votos de muitos progressos.

Casamento — Uniram-se pelo santo sacramento do matrimónio, na capela de Santa Bárbara, na Portela do Couto, no dia 19 do pretérito mês, o sr. António Eduardo Rodrigues, empregado da Empresa Hidro Eléctrica do Coura, natural e residente na Vila de Melgaço, filho do sr. Joaquim Luís Rodrigues e da sr.^a Amanda Augusta Rodrigues, com a menina Lindalva da Conceição Esteves, natural desta freguesia, filha do sr. José Maria Esteves e da sr.^a Maria Amélia Baleixo.

Testemunharam o acto o sr. José Augusto Sousa Vieira e

OS PRÊMIOS GRANDES SUCEDEM-SE NA

CASA DA SORTE

Em 15-10-71

SORTE GRANDE — 9672 — 8.000 CONTOS
2.º Prémio — 39715 — 1.000 CONTOS

Em 21-10-71

— **E PELA TERCEIRA VEZ ESTE ANO** —
Todos os Prémios Grandes
duma só extracção

SORTE GRANDE — 18616 — 4.200 CONTOS
2.º Prémio — 13626 — 420 CONTOS
3.º Prémio — 3604 — 240 CONTOS

A seguir:

LOTARIA DE TODOS OS SANTOS

6.ª Feira — dia 5 de Novembro

6.000 CONTOS por 400\$00

600 CONTOS por 40\$00

Habilite-se em bilhetes com

a MARCA da

CASA DA SORTE

a Casa onde há SORTE e prémios para todos

A Lotaria da CASA DA SORTE é vendida no Peso pelo Café Recreio

sua esposa sr.^a D. Maria Eduarda de Castro.

Muitas felicidades, são os votos sinceros que desejamos ao novo lar.

Falecimentos — No dia 1 de Outubro, faleceu no lugar de Gondufe, a sr.^a Deolinda Rosa Pires, de 61 anos, no estado de solteira. O seu funeral foi realizado no dia seguinte para o cemitério paroquial, com grande acompanhamento.

Paz à sua alma, e a toda a família enlutada, os nossos sentimentos.

— Também no dia 3 de Outubro, inesperadamente, deixou de viver para este mundo o sr. Francisco Augusto Domingues, de 71 anos, 2.º cabo aposentado da Guarda Fiscal, natural da freguesia da Vila e residente no lugar de Soenças desta freguesia, onde era casado com a sr.^a Maria de Jesus Domingues.

A trasladação do seu corpo foi feita no dia seguinte para o cemitério local com grande acompanhamento, registando-se a presença de vários graduados e praças da Guarda Fiscal, tendo a urna sido coberta, durante o trajecto, pela Bandeira Nacional.

A sua morte foi muito sentida, não só pela circunstância que a motivou, como também pela consideração em que era tido por todos quantos com ele viveram. Que o Senhor tenha no eterno descanso a sua alma e a toda a família enlutada, especialmente à sua inconsolável esposa, as nossas sentidas condolências. — C.

Anuncie em «A VOZ DE MELGAÇO»

Dr. Ismael da Trindade

ADVOGADO

Mudou o seu Escritório para o Palácio da Justiça

(REGISTO PREDIAL)

TELEF. 52295

MONÇÃO

Recoveiro Rogério

de MONÇÃO

Recebe encomendas para:

MONÇÃO, MELGAÇO e S. GREGÓRIO

Paragem no PORTO:

RUA DO LOUREIRO, 36 ou RUA DA MADEIRA, 218

Até às 18 horas

Em MONÇÃO:

RUA GENERAL PIMENTA DE CASTRO

Misericórdias Portuguesas

(Continuação da 1.ª página)

Nossa Senhora da Misericórdia e aprovadas pela autoridade eclesiástica, que se destinavam a cumprir todas as obras de Misericórdia, com caridade e humildade cristã por serviço de Deus e Nossa Senhora. Apenas isto: instituição privada de cristãos desejosos de fazerem todo o bem ao próximo por amor de Deus. *Todo o bem, ou sejam as 14 obras de Misericórdia.*

Pois estes cristãos, por amor de Deus e do próximo, criaram um autêntico Serviço Nacional de Saúde, estendido Aquém e Além-Mar, com atribuições ainda mais vastas que as do actual Ministério da Saúde e Assistência. Por iniciativa privada!!!

Espantosa a iniciativa privada dos católicos portugueses... E dizem que o Catolicismo se não mostra, na vida corrente dos homens, na que se vê e se demonstra, mais produtivo de boas obras que as outras religiões, ou associações laicistas!

Quase já ouço dobrar os sinos pelas Misericórdias de Portugal. Machadada atrás de machadada, a magnífica árvore de 483 anos inclina-se perigosamente sobre o solo da nossa terra e ameaça cair, não sei se estrondosamente, mas, por certo, sem que ninguém se interesse ou queira ouvir o ranger plangente do velho tronco. À sua volta, os madeiros, sorrindo, nos olhos cobiosos, ao lucro que lhes vai trazer a madeira secular... comprada de graça com um regulamento. Nem sequer mereceu um Decreto que quase não fala nela.

O farfalhado socialismo, fértil de sonoras palavras sem sentido, para substituir os actos, lembrou-se agora de que as 14 obras de Misericórdia são pertença sua e que, doravante, ninguém mais (nem o próprio Deus) as poderá realizar. A Saúde e Assistência vão ser distribuídas generosamente por um decreto, o que achamos muito bem, mas exclusivamente o que achamos muito mal, pois já conhecemos, por experiência própria e há muito tempo, a má catadura desse funcionário estéril e paralitante — do exclusivamente, ao serviço do cidadão. Exclui, do serviço, todos os outros, e acaba por excluir também, o vilão da peça que é aquele para quem o serviço existe. Neste caso, o doente, necessitado.

Por Santa Rita

(Continuação da 1.ª página)

de Sousa, vila, 20\$00; Menina Rosa de Jesus Domingues, madrinha de Santa Rita, mais uma visita e 20\$00, com as suas generosas ofertas em comestíveis e o seu carinho, para todos os nossos irmãos ali protegidos; Rosa Alves, Parada do Monte, 55\$50; Maria Garelha, Devesa, Paderne, 10\$00; António Fernandes, Aldeia, agora chegado de França, mais 100\$00; D. Dulceina Nôvoas de Pinho Gonçalves, de Paderne, nos mandou mais um casaco e várias peças de roupa. Chegaram aqui pela mão da sr.ª Maria de Lurdes, sua vizinha. O casaco foi logo entregue à nossa ceguinha, sr.ª Ana, que veio há dias dum hospital do Porto, muito magra, e o inverno está aí a chegar cá ao monte. Gostou muito, muito.

Pois, graças a Deus. Quando tantos ajudam e se trabalha com tão boa vontade, dá gosto. Muito obrigado a todos, o

PADRE CARLOS

Não se pode programar turismo ao longo do Rio Minho

(Continuação da 1.ª página)

receita pode ser caso sério a tentar o menos ousado.

O SNI oferece generosamente a quantia necessária pelo espaço de 20 anos. Qualquer pessoa interessada pode aventurar-se ao risco, que, aliás, é pouco arriscado.

Sabemos que a própria Empresa estaria disposta a tentar lançar-se na exploração da hotelaria local.

Com ementas seleccionadas, não faltariam visitantes de fim de semana, sobretudo de Espanha, que vão a Valença, Viana, Porto, Braga, etc..

Não vão glútes de Lisboa ao restaurantezito de Arbo, que fica ali na Galiza, próximo da estação, saborear a lampreia, no tempo dela?

Por que se espera, então? Aqui fica o apelo aos actuais proprietários dos hotéis e pensões do Peso.

Observador

O Santo da Quinzena

(Continuação da 1.ª página)

naram com uma mulher de vida fácil, que na presença de muitas pessoas, interpelesse a Gregório acerca de um dinheiro que lhe tinha prometido. O facto deu-se numa ocasião em que Gregório se achava em discussão com alguns sábios, rodeado de muita gente. Todos, ao ouvirem a mulher a fazer a exigência, se admiraram em extremo, porque de Gregório ninguém supunha que tivesse relações equívocas. Gregório, não menos se admirou, mas conhecedor da sua inocência e não querendo interromper a discussão por causa de um vil caluniadora, pediu a um dos amigos que, para tapar a boca da infeliz, lhe desse quanto dinheiro exigisse. Mal a mentirosa tinha recebido as moedas, logo ficou possessa do demónio e, atormentada, ficou, de um modo horroroso. Em altos gritos, confessou a sua maldade e pediu perdão a Gregório.

Numa outra ocasião, dois irmãos estavam em forte contenda, por causa de um tanque. Como não houvesse possibilidade de chegar a acordo sobre a posse do tanque, era para temer um desfecho desastroso da questão. Por uma outra vez S. Gregório conseguiu restabelecer a paz entre os dois pretendentes. Vendo porém que esta era de pouca duração, e os nervos não se acalmavam, pediu a Deus uma intervenção salutar. Na mesma noite o tanque secou e a briga terminou de vez.

Além destes factos, muitos outros se deram na vida deste grande Santo.

Quando S. Gregório entrou como bispo para a sua diocese, só havia dezassete cristãos. Quando, pela idade de 70 anos, começou a sentir os primeiros sintomas da morte, visitou a diocese pela última vez, e perguntou ainda pelo número dos pagãos. Quando lhe disseram que eram dezassete, respondeu: «Graças a Deus! Deus nos conserve na santa fé e conceda a todos os infelizes a luz da verdade».

Tribunal Judicial da Comarca de Melgaço

Anúncio

(2.ª publicação)

NO DIA VINTE E SEIS de Novembro próximo, pelas QUINZE HORAS, no Tribunal desta Comarca, na ACCÃO ESPECIAL DE ARBITRAMENTO PARA DIVISÃO DE COISA COMUM que corre pela Secretaria do mesmo Tribunal em que são AUTORES — António Rodrigues Fernandes e mulher Maria Alice Flores, lavradores, residentes no lugar do Cruzeiro — São Paio e Réus José Bento Domingues e mulher Marinha Marques, lavradores, residentes no mesmo lugar e freguesia, será posto em praça pela primeira vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor adiante indicado, o seguinte prédio aos mesmos pertencente na proporção de 12/20 avos para os Autores e 8/20 avos para os Réus, a saber: — «CAMPO E LEIRAS DOS CARVALHOS» de sementeira e vinha, sito no lugar do Cruzeiro da freguesia de São Paio desta Comarca de Melgaço, vai à praça pelo valor de CINQUENTA MIL QUINHENTOS E VINTE ESCUDOS.

Melgaço, seis de Outubro do ano de 1971.

O Juiz de Direito,
Manuel José de Almeida e Silva

O Escrivão de Direito,
José Henrique Pinheiro Calheiros

Foto CALDAS
TELEFONE, 42220
MELGAÇO

EXECUTA todo o trabalho em Fotografias e vende todos os materiais para as mesmas.

Reportagens para Casamentos, Baptizados, Comunhões, Aniversários, etc.

Vinho do Porto **BARROS**

De todos o mais saboroso De todos o mais preferido

REGIST. BRAND
BARROS, ALMEIDA & C.
OPORTO

Lágrima Christi **BARROS**
em França o mais apreciado

Agência de Viagens "RUMO,"

PASSAGENS AÉREAS E MARÍTIMAS

Bilhetes de Combóio, a preços reduzidos para trabalhadores e familiares

Posto de Câmbios do BANCO DE AGRICULTURA

TELEFONE, 42278 — MELGAÇO

Aniversários

No dia 14 p.p., festejou o seu aniversário natalício, a nossa conterrânea, menina Maria Adelaide Ferreira do Paço, filha do nosso assíduo correspondente e colaborador, sr. Alfredo Lourenço do Paço e da sr.ª D. Perpétua Ferreira do Paço, que tiveram a gentileza de oferecer em sua casa, um opíparo jantar a inúmeros convidados e familiares.

A aniversariante, desejamos que esta data, se repita por muitos anos e os nossos parabéns.

★

Festejou no passado dia 14 os seus sessenta e nove anos de idade, o nosso querido amigo e colaborador Sr. Manuel Gomes de Sousa, de Prado.

Damos-lhe os nossos vivos parabéns e parece que podemos afirmar que, com a sua boa disposição, é muito capaz de ir aos cem. Ao querido amigo, tão apreciado pelas suas crónicas de Prado e, sobretudo, pelos seus trabalhos e estudos sobre o Rio Minho e respectiva riqueza piscícola, um abraço de toda a equipa de «A Voz de Melgaço». E por muitos anos.

Isaac de Castro Barbosa

De visita, esteve entre nós, o nosso amigo, sr. Isaac de Castro Barbosa, natural da freguesia de Rubiães — Paredes de Coura e proprietário da Empresa de Onibus «Viação Suburbãna, L.da» do Rio de Janeiro — Brasil e grande benemérito da Igreja da sua freguesia, tendo oferecido para a mesma, um novo Sacrário de muito valor, e para as casas de caridade.

Ao nosso amigo, que nos deu o prazer de assinar o nosso jornal e que teve a gentileza de oferecer, na sua despedida, um jantar a vários seus amigos desta vila, desejamos que tivesse feito boa viagem e felicidades.

AMIGO ASSINANTE!

Se ainda o não pudeste fazer, põe em dia a tua conta com «A Voz de Melgaço». Valeu?

Quem propala falsidades?

IV

«A asneira lapidada em sentença tem para os tolos a vantagem de parecer coisa profunda, e para os espertos, a desculpa de muitas vezes passar por ironia.»

Filho de Almeida em «Os Gatos», 6.º vol. 4.ª edição, pág. 159

A pergunta que, pela quarta vez nos serve de epígrafe, já demos resposta convincente para leitores de qualquer craveira intelectual.

Quem propala falsidades é o jornal «Notícias de Melgaço» ou Audaz, mais que mensário, mas não quinzenário (?), e de que é director, à altura, o sr. dr. Abel Augusto Vaz!

Na relação do último número de «A Voz de Melgaço», ficámos na 14.ª falsidade!

O prezado leitor, com certeza que exclamou com ironia mordaz: *ena pai!*...

Teve motivo mais que suficiente: já 14 falsidades!...

Vamos seguir, para somar.

Desta vez, que julgo não será ainda a última, vamos acrescentar ao catálogo uma empreitada de mais oito!... Só mais oito!... Safa! E de mais!...

Para o catálogo ficar completo temos muito que andar. Mesmo muito!

Basta de prémio, já bastante alongado.

15.ª Falsidade

Sob a local «DECISÃO QUE SE IMPUNHA» em «Notícias de Melgaço» de 25-4-1970, o sr. A. V. — o sr. dr. Abel Vaz — rabisçou umas tantas afirmações que não afinam pelo diapasão da verdade.

Disse: «Correu já muita tinta sobre o discutido caso do corte de água aos fontanários públicos da freguesia de Chaviães».

Aqui não há falsidade; aqui o articulista não mente. Ainda bem.

Correu, de facto, muita tinta; parte dela foi gasta inutilmente, como por exemplo, a do sr. dr. Abel; parte, com vantagem, parte com proveito.

Há pessoas que parece estarem convictas de que levam sempre a água a seu moinho batendo com o sapato na mesa à maneira do comunista russo Kruchtchev numa das reuniões da O.N.U., ou a fazerem um barulho dos diabos, de goelas escancaradas, gritando pela palavra escrita ou falada: «vândalos, vândalos, vândalos!»...

Mas, aqui levam a cacetada que merecem, o «berreiro» não é, e nunca foi argumento. Faz fugir os assustadiços, mas aqui não há assustadiços, nem covardes.

«Toda a imprensa Nacional e Regional a que sabemos apenas com uma excepção, verberou a atitude, pelo menos irreliocitada e abusiva de uns tantos mais exaltados ou quiçá mais facilmente excitáveis que levaram a cabo a proeza».

O proprietário desta parlenda é o sr. A. V.

Neste pequeno período, trasladado da local citada, há, nada menos, que, duas afirmações falsas.

1.ª — O sr. dr. Abel leu toda a imprensa Nacional e Regional? — Se a não leu — e não leu mesmo! — como ousa fazer a afirmação?

Esta falsidade ocupa no rol o 15.º lugar!

Muitos jornais, em coro uníssono, e a pedido de pessoa apaixonada, chamaram «vândalos»

aos proprietários da Levada da Candosa que cortaram o abastecimento de água aos fontanários, levantando a respectiva canalização.

O maior número, nem sequer deu a notícia. O sr. dr. Abel afirma: «ao que sabemos apenas com uma excepção...!» E houve tantas!...

Aqui mostrou estar mal informado, na hipótese mais favorável, mais benigna.

O «berreiro» dos primeiros jornais, foi estéril.

O Digno Agente do Ministério Público arquivou o processo organizado contra os ditos «vândalos»; ora, isto é sinal evidente de que a atitude não foi abusiva e, portanto, a imprensa Nacional e Regional que a verberou, foi injusta.

A «proeza» não foi uma atitude abusiva, mas a defesa legítima dum atropelo.

Esta segunda falsidade ocupa, no catálogo que estamos a elaborar, o 16.º lugar!

Não nos admiramos que se exalte, o que pretendem despossá-lo, pela fraude ou pela força, de um direito.

«A VOZ DE MELGAÇO», se é a excepção a que o sr. dr. Abel se refere, porque não verberou a atitude dos que, alguns jornais, alcunharam de «vândalos», está de parabéns; fez jornalismo sério.

O jornalista, que o é de facto, seja amador, seja profissional, ama a verdade.

Este amor tem de ser a sua principal virtude.

O jornalista, caricatura do jornalista, ao contrário, ou mistura a verdade a meias com rumores ou boatos infundados, ou mente, ou calunia.

Estamos aqui para restaurar a verdade mutilada ou assassinada, como diz Allyrio de Melo.

O SNR. A. V. ESCRVEVU AINDA:

«É que nenhuma justificação se lobriga para explicar tal atitude, nem a vimos alicerçar em qualquer razão conveniente ou, ao menos, plausível».

Acredito que o sr. dr. Abel não lobrigue nenhuma justificação para explicar tal atitude e também acredito que a não veja alicerçada em qualquer razão conveniente ou, ao menos, plausível.

Acredito, mas não sem um certo espanto e admiração, por se tratar de um caudidol!...

Mas, pronto, acredito! Como é o sr. dr. quem o diz!...

O Agente do Ministério Público, que tem o mesmo curso, não só a lobrigou, mas viu-a, viu-a bem, e alicerçou-a não em razão plausível, mas em razão conveniente. Se não sabia a lição de cor, estudou-a; e fez muito bem.

Não «botou» asneira.

«E se, neste momento, que é de euforia para Chaviães e todo o concelho, abordamos, embora ao de leve, acontecimentos de esquecer, é para estranbarmos mais uma vez — estranha muito o sr.

dr. Abel! — e com a maior estupefação, como em meios afectos e mesmo intimamente ligados à Presidência da nossa edilidade, se pode encavar, mais do que com injustificada compreensão com aplauso e simpatia, uma atitude e um modo de proceder inteiramente reprováveis e tanto mais de repudiar nessas esferas quanto é certo que colocava em delicada posição a própria Administração Pública, que, nessa obra, dispendeu avultadas verbas do património nacional».

Também pertence ao sr. A. V. o que fica transcrito. Uma atropalhada. (Desculpem-me o regionalismo melgacense. Nós, irmão do então Presidente da Câmara, prof. Rodrigues, portanto intimamente ligados à Presidência da nossa edilidade, fomos dos que encaramos não só com justificada compreensão, mas, até, com aplauso e simpatia uma atitude e um modo de proceder legítimos.

Chamar-lhes «reprováveis» é já a 17.ª falsidade!

Não estamos sós; temos conosco boa companhia e companhia menos boa.

Está conosco o Ministério Público; estão conosco as autoridades de Lisboa; estão conosco as pessoas que sabem que é uma obrigação respeitar o alheio; está conosco o sr. P.ª Lima de Chaviães (!) que não apela da decisão do Ministério Público — quem cala, consente, diz o adágio — e até — pasmai b gentes de Melgaço! — está conosco o sr. dr. Sidónio Silvestre da Silva Soares de Sousa, Presidente da Câmara, que não tomou qualquer atitude contra aqueles que tantos alcunharam, injustamente, de «vândalos»!

Nada temos a corrigir, nada temos a repudiar. A verdade nem se corrige, nem se repudia.

O sr. dr. Abel é que tem que repudiar as falsidades que publicou no jornal «Notícias de Melgaço». Vamos na 17.ª!!!

A Câmara não criou a delicada posição; criaram-lha. Já indicámos os culpados, os verdadeiros culpados. Haverá alguém que não conheça ainda os seus nomes?

A Câmara de então, apesar de acusada, entre outros pelo sr. P.ª Lima de Chaviães, não teve a mínima culpa no que aconteceu com o CASO DAS ÁGUAS DE CHAVIÃES. O louvor, que Sua Ex.cia o Ministro do Interior concedeu ao então Presidente, é prova cabal do que afirmamos.

Isto custa a roer a alguns, mas tenham paciência... também a teve o chamado «João do Outeiro»!...

A paciência é uma virtude.

No jornal citado «Notícias de Melgaço» de 10 de Abril de 1970, veio esta transcrição do «Jornal do Comércio» de 8-4-1970:

«Testemunho»

«... Não vimos nós, há tempos, actualizações «vândalos», destruir as canalizações de água que abastecia várias povoações de um concelho do Norte?»

«... De mais de 20 fontanários cuja construção o Estado auxiliou com centos de contos, mais de metade foram destruídos...»

Manuel José Simões Durão

de Nogueiras da Granja — S. PAIO

Continua a evoluir favoravelmente o estado de saúde do nosso prezado amigo e colaborador, sr. Manuel José Simões Durão, que, como noticiámos em 15 do corrente, foi subme-



tido no «Hôpital de Broussais», em Paris, um dos melhores estabelecimentos hospitalares da Europa, a melindrosa e complicada intervenção cirúrgica a «coração aberto», com implantação da válvula aórtica e arranjo de artérias que começavam a deteriorar-se devido ao mau funcionamento da aorta.

A operação, realizada pela famosa equipa médica francesa chefiada pelo Prof. Charles Dubost, durou 8 horas e o doente encontra-se já numa casa de repouso em pleno campo, a 100 quilómetros de Paris, para respirar ar puro — embora sob a mais rigorosa

vigilância dos especialistas que o operaram.

Foi em 1966, em Paris, durante a inspecção médica da Previdência, obrigatória para todas as pessoas (incluindo patrões) da firma comercial onde presta serviço como empregado de escritório, que o sr. Manuel José Simões Durão foi avisado que havia uma pequena anormalidade no ritmo das pulsações do coração e que por conseguinte teria de ser observado por um especialista de cardiologia. Ainda nesse ano foi internado na Clínica de Cardiologia de Val-D'Or, em Paris, por um período de 15 dias, para observação e exames de cateterismo. Constatado que a «válvula aórtica» começava a deteriorar-se em consequência de reumatismo agudo, logo lhe foi proposta a intervenção cirúrgica que na altura recusou por medo e por se sentir ainda relativamente bem.

Os anos foram passando e em Julho do corrente ano, começou a piorar dia a dia. O simples esforço causado pela subida de alguns degraus de escada o fatigava, obrigando-o a descansar continuamente. Segundo conta o sr. Durão, que agora se diz felicíssimo, era o fim, a morte que sentia aproximar-se de si aos quarenta anos de idade. E só quando o médico-assistente lhe disse que se não fosse operado não teria mais de um ano de vida, decidiu que lhe fizessem a operação.

N. R. — Do «Mineiro» de Fundão. Ao querido amigo Durão, que veio há pouco a Santa Rita, agradecer a protecção da querida Santa, o nosso abraço.

Problemas de pastoral

HORA POS-CONCILIAR

Não basta dividir as dioceses em zonas pastorais.

O cardeal Franz König, arcebispo de Viena, numa entrevista concedida a Hechos e Dichos, do mês de Outubro, declara:

Pergunta: — São os Bispos, Senhores das igrejas locais ou, antes, servos e pastores da comunidade?

Resposta: — pessoalmente, não tenho a impressão de ser um senhor, mas servo da minha igreja. Vou dar-lhe alguns exemplos: eu não tenho carro que me pertença, a diocese põe-me à minha disposição, esta casa onde vivo e que podia ser mais pequena (seria até mais prático) não me pertence, estes móveis não são meus e um dia deixarei de os usar.

Visito todas as minhas comunidades paroquiais. Na próxima semana, irei ao distrito XII de Viena, ao bairro operário. Domingo, passarei ali todo o dia, na paróquia. Nos dias anteriores vou às escolas e detenho-me dez a quinze minutos em cada classe, desde as primeiras a começar de baixo até às de «bacharelato» superior. Faço também visitas às fábricas, pequenas e grandes empresas. Ali falo com os operários. Creio que, humanamente, sairia ganhando, se tivesse o mesmo trabalho que um funcionário. Mas nós, digo-o sempre aos meus sacerdotes, somos os ministros e servidores da comunidade. Eu sou servo da minha diocese e ela exige-me muito. Não me considero pois como superior, mas como servo.

A. Rodrigues

As eleições por Melgaço

Realizaram-se no dia 17 do mês de Outubro, como estava programado, as eleições das Juntas de Freguesia para o próximo quadriênio de 1972 a 1975.

No concelho de Melgaço só foi apresentada a sufrágio uma lista, à excepção da freguesia de Paderne. Aqui disputaram a eleição três listas: A, B e C.

O acto decorreu, em geral e segundo consta, com relativo civismo.

Digo relativo civismo, porquanto, uma certa percentagem de eleitores não se apresentou perante as urnas para afirmar a sua personalidade política.

Vamos fazer, contudo, alguns reparos pertinentes. Aqui ficam:

1.º — Em Paderne a mesa foi constituída pelo sr. professor José Augusto Lourenço, como presidente, que, como é do conhecimento geral, aqui, há tempos, foi acusado de umas *trafulhices* nos exames de passagem de classe em Paços, onde era e é professor o sr. Manuel Vaz, pelo sr. dr. Abel Vaz, irmão do dito professor Vaz, que foi quem *«tudo lo mandó»* e pelo sr. Fabiano de Jesus da Costa, empregado do referido sr. dr. Vaz numa empresa comercial.

Nenhum é natural de Paderne; nenhum reside em Paderne.

Este facto sugere-nos as seguintes perguntas:

1.ª — Não haveria em Paderne, a freguesia mais populosa do concelho, pessoas capazes, moralmente idóneas e da política de Marcello Caetano, para desempenharem as referenciadas funções com seriedade, isenção e civismo?

2.ª — Então por que foi nomeada gente estranha à freguesia?

3.ª — Para quê? Sim, para quê?
Muita gente *desconfia*.....
.....; nós também *desconfiamos* que.....

4.ª — Qual foi a lista patrocinada pela A. N. P.?

Seria a lista A de que fazia parte como membro efectivo um elemento destacado da oposição ao regime vigente, que, nas últimas eleições para deputados, foi o fiscal indigitado pelo mandatário da lista B, sr. dr. António Feio Ribeiro da Silva, para actuar no acto eleitoral de 26 de Outubro de 1969?

Este elemento tomou parte, pelo menos, numa reunião efectuada na Câmara Municipal, a convite do seu Presidente.

5.ª — Por que razão a Câmara mandou fazer apenas lista A e B e não a lista C?

Na lista C constava como efectivo o sr. professor Manuel Luis de Pinho Gonçalves, actual Presidente da Junta,

ex-Vice-Presidente da Câmara, membro da União Nacional durante perto de 20 anos, onde ocupou até cargos directivos.

6.ª — Por que razão os boletins de voto da lista A não eram de papel liso e tinham marcas exteriores?

Como a lei não mudou, não se cumpriu a lei. Por quê?

E o voto?... já não é secreto?

7.ª — Por que não foi pública a contagem dos votos e a verificação das listas?

Se tudo se processou com seriedade, que motivo teria a mesa para negar deferimento ao pedido do sr. prof. Pinho, já identificado, candidato da lista C, para verificar as listas e a sua contagem?

Podem retrucar-nos: a lei é omissa; nós objectamos: mas não proíbe, e as coisas sérias, porque se não há-de fazer diante de toda a gente e, no caso pertinente, diante dos candidatos das listas B e C?

A mesa não pode provar que agiu com imparcialidade, que não fez *trafulhice*.

Não pode, não! E é pena!... Haverá por aí alguém que acredite que o professor Pinho está convencido de que a eleição foi séria, em face do que se passou?

Façam-lhe a pergunta!... A nossa opinião é esta: quando tudo se faz com seriedade, não há motivo para se fazerem as coisas às ocultas.

Por isso, perdoem-nos a franqueza, duvidamos da seriedade das eleições em Paderne e, julgamos, não estarmos sós.

Nas eleições para deputados, em 1969, a lista da União Nacional obteve 196 votos contra 15 da Oposição democrática. O sr. professor Pinho foi um dos obreiros desta vitória rotunda, vitória que não foi forçada.

A eleição e à contagem assistiu, como disse, o fiscal da oposição, hoje membro efectivo da junta eleita de Paderne.

Terá virado para a Oposição democrática, em tão curto espaço de tempo, o eleitorado? *Viragem* de facto, ou, apenas, no papel?

O sr. Presidente da Câmara nomeou para a mesa três elementos estranhos à freguesia; ora, como é um ser inteligente, o que fez, fe-lo por algum motivo.

Que motivo seria, caros leitores?

Se o sr. Presidente quiser falar!..., algo terá para dizer-nos!...

Outro ponto:

Em nenhuma outra freguesia foi apresentada a sufrágio mais que uma lista.

Como explicará a A. N. P. do concelho o facto de aparecerem nas listas como efectivos, em quatro freguesias, elementos que a Oposição democrática nomeou como fiscais nas últimas eleições para deputados?

Por que não diligenciou — a A. N. P. — no sentido de apresentar, nas quatro freguesias, outra lista com elementos afectos ao Governo de Marcello Caetano?

Continuamos na direita ou inclinamos para outras bandas?

ESTUDOS MONÁSTICOS

O CONVENTO DE FIÃES TEM PROPRIEDADES FORAIS EM TERRAS DE BOURO

Ao arrumar manuscritos recentemente adquiridos em Terras de Bouro, descobri um relativo ao convento de Fiães, de 1785.

É um documento de foros sobre propriedades no lugar de Pesqueiras, Moimenta, do referido concelho, sendo testemunhas Silvestre Manuel d'Espinha, Manuel José d'Almeida, escrivão em Terras de Bouro, e Francisco José d'Aranthes.

O P. Frei Francisco de Freitas religioso bernardo, tinha procuração bastante do D. Abade do mosteiro de Fiães para intervir na referida escritura.

É curioso verificar que nessa altura, o D. Abade de Fiães era o mesmo de S. Maria do Bouro, ou seja D. Frei Manuel de Macedo, que assinava ainda Senhor Donatário e Capitão-Mor. Este duas vezes abade — de Fiães e de Bouro — passou procuração ao já mencionado Frei Francisco de Freitas para poder fazer todos os prazos pertencentes «ao dito nosso mosteiro de Fiães».

Eram foreiros Manuel Domingues e mulher, Maria José «empossados neste prazo» e seus consortes, Miguel Antunes e mulher Teresa da Silva e o capitão Patricio de Castro e Sousa e mulher, Domingos

Outro facto que também nos causou certa surpresa:

O sr. Presidente da Câmara, sr. dr. Sidónio S. S. S. S., usando da sua competência, nomeou para presidentes efectivos de duas mesas eleitorais outros tantos eleitores que foram indigitados e nomeados fiscais democráticos em 1969!!!

Falta de gente!... Assim vai a política em Melgaço, obra, em grande parte, do já ex-Governador Civil, dr. Araújo Novo.

Agora, também nós, mas pesarosos e penalizados, com o saudosos dr. Augusto Esteves e o sr. A. J. G., residente em Lourenço Marques, que copiou, exclamamos: «**Pobre Melgaço!**...»

1.º P. S.

Diz-se que uma autoridade do concelho afirmou: é preciso correr com o Pinho da Junta de Paderne. Será verdade?

2.º P. S.

Será verdade que o sr. Presidente da Câmara andará às tantas da noite por lugares de Paderne na véspera das eleições?

3.º P. S.

Votar é um dever cívico. Onde cumpriram o seu dever cívico o sr. prof. Lourenço, o sr. dr. Abel Vaz, o Presidente da A. N. P. e o sr. Fabiano de Jesus da Costa?

4.º P. S.

O sr. prof. Lourenço é o tal sr. que em Paços..... etc. e tal, e a quem chamaram, há tempos, mentiroso e reles mentiroso!...

Boa credencial para um presidente da mesa!...

A. RODRIGUES

Marques, António José da Silva e mulher, Mariana Carvalho, todos de S. Pantaleão, do lugar de Balança, do mesmo concelho.

Ao fazer-se a escritura, o representante do mosteiro de Fiães disse «que em razão de se acharem findas as três vidas do emprazamento que se havia feito no ano de mil e seiscentos e noventa anos aos três dias do mês de Novembro do dito ano a Braz Domingues e a sua mulher Adriana Dias da Silva moradores que foram neste lugar de Pesqueiras cujo emprazamento foi feito pelo tabelião António d'Araújo, tabelião na vida de Melgaço... Manuel Domingues e sua mulher Maria José, actuals possuidores do dito prazo pediram para continuar com ele, como de direito lhes pertence. Por isso faz-lhes a mercê... de lhes renovar o dito prazo neles ditos outorgantes Manuel Domingues e sua mulher Maria José em primeira e segunda vida e em filho ou filha mais velho de entre ambos de legítimo matrimónio em terceira vida e não havendo filhos de entre ambos na terceira vida deste prazo quem mais direito tiver nele».

O prazo era constituído por 3 casas de morada e mais uma casinha, quatro oliveiras, uma leira, um castanheiro, dois moínhos, três... (ilegível) e um carvalho, três leiras, dois campos, as leirinhas das Castanheiras (sem dizer quantas), mais duas leiras, uma horta, mais dois campos e uma sorte.

Pagarão por tudo \$400 reis de foro, sendo a recolha dele à custa dos emprazados. O pagamento será em dia de S. Miguel de cada ano.

Estipulava ainda a referida escritura que se fosse religioso quem fosse ali receber o foro pagar-lhe-iam \$400 reis por dia, sendo leigo, \$200 com obrigação de os alojar em casa e manter, bem como de lhes fornecer a montada. O que era exigido em relação ao cobrador era-o por igual em relação aos que o acompanhavam.

Nota curiosa: todas as propriedades que confrontavam com as deste prazo eram também prazo do mosteiro de Fiães!

Uma pequenina nota para esclarecer ainda mais o texto. Dizia-se que o Mosteiro de Fiães era tão rico e de tanto poder como o rei de Portugal. Suas propriedades entravam pela Galiza, dentro, Portugal fora até muito longe.

À época de maior esplendor foi à roda do séc. XII e sobretudo XIV. Mas estamos no séc. XVII. Como é possível que ainda nesta data possua foros tão longe?

L. DE CASTRO

Dr. Luis Domingues
CLÍNICA MÉDICA
Rua Formosa, 253-2.º - Dt.º
Tel. 29415 PORTO

De Lisboa a Paderne

Por AMILCAR JORGE FUNDINHO

Lisboa, 20 de Outubro de 1971.

Uma satisfação aos meus queridos conterrâneos não podia deixar de dar, em face da consideração e respeito que por todos tenho. Em 28 de Agosto do p.p. enviei para a redacção deste jornal um artigo com o título acima referido onde demonstrava a minha máguca (e posso dizer, a de todos os Padernenses) pelo mau estado em que a nossa estrada se encontrava.

Poucos dias passados, tive que fazer uma viagem ao nosso berço, infelizmente para trazer uma pessoa de família a consultar um especialista, nesta cidade.

Nessa altura vi com grande rogo o que as obras na nossa estrada se tinham iniciado poucos dias antes.

Como o aludido artigo estava em caminho de publicação, seguiu o seu destino, faltando por isso um bocadinho à verdade em face do que presenciei.

Pois, no mesmo artigo, dizia, recordava-me do mau estado em que se encontrava e na última vez a utilizei (isto há aproximadamente um ano) e também me guiei pelas notícias que de Paderne li a esse respeito.

E agora quero aproveitar para dizer, que já rodei sobre um tro-

ço do novo piso alcatroado e que, para já, parece ficar em boas condições, e daqui desejamos que o fim dessa obra seja o mais curto possível, pois está a prejudicar muito os habitantes desta populosa freguesia.

Foi pena que os trabalhos se iniciassem no princípio do inverno, pois as chuvas virão atrasar muito o andamento deste trabalho.

Parabéns às autoridades que intervieram neste justo melhoramento, que há muito se fazia esperar.

E se não for muito longe quero lembrar que depois destas obras concluídas, devia-se organizar uma carreira colectiva se não diária, pelo menos em dias de feira na sede do concelho. Muito beneficiaria a população privada de transporte próprio, assim como o comércio da vila.

É natural que depois os carros de aluguer já se ofereçam para um serviço que hoje se recusam fazer, e com razão, mas parece-me que uma camionete da empresa que serve Melgaço podia estabelecer um preço mais acessível às necessidades pelo menos de muitos, e a uma hora certa, para que o tempo não se desperdice porque hoje o tempo é ouro.

Dr. Oliveiros Rodrigues
ADVOGADO
Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO